

CINEMA SOLIDÁRIO

Cultura

Coordenadora da atividade: Virginia FLÔRES¹

Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA)

Autores: Larissa BARBOSA²; Juan SABOGAL³.

Resumo:

CINEMA SOLIDÁRIO é um projeto de extensão da UNILA, capitaneado pelo curso de Cinema e Audiovisual. O projeto pretende fornecer a instrumentalização e a apropriação da linguagem audiovisual para algumas comunidades de Foz do Iguaçu e suas redondezas, visando trabalhar em conjunto para a construção de suas próprias narrativas. Com este projeto, pretende-se fazer um estudo destas demandas, analisá-las e trabalhar com a entidade selecionada, decidindo, em conjunto, sobre a forma e construção dessas narrativas. O projeto recebe o nome de CINEMA SOLIDÁRIO por se sensibilizar com as questões dos grupos com que venha se envolver, o projeto pretende auxiliar no desenvolvimento de uma proposta que já seja de desejo do grupo. Criar sua identidade a partir de si mesmo.

Palavra-chave: educação; narrativas; ação social.

Introdução

O curso de Cinema e Audiovisual da UNILA, recebe inúmeros chamados para documentar ações de outras entidades e até mesmo de empresas de Foz do Iguaçu. O curso por muitas vezes encontra dificuldades em contemplar essas demandas, por possuir suas próprias questões internas. Nesse sentido, o projeto visa atender algumas dessas demandas, que são muito relevantes em termos de vivência social possibilitando o intercâmbio de saberes entre a comunidade acadêmica da UNILA e a comunidade em seu entorno. Dessa forma são elaboradas estratégias e métodos de ensino focadas nas diferentes comunidades com as que o projeto visa trabalhar, já que são necessárias ações que acompanhem as demandas de cada uma em específico.

Durante a feira dos cursos da UNILA no mês de dezembro apareceu a demanda para documentar o trabalho de um professor de circo com as crianças do CRAS Norte de Foz do

¹ Virginia Osorio Flôres, professora, cinema e audiovisual.

² Larissa Moura Barbosa, aluna de graduação, cinema e audiovisual.

³ Juan Felipe Sabogal Marin, aluno de graduação cinema e audiovisual.

Iguaçu. A professora Virgínia conjuntamente com alguns alunos do curso de Cinema e Audiovisual atendeu esse pedido, porém foi colocado para a psicóloga do CRAS que fez a demanda que se gostaria de seguir um outro caminho: mostrar às crianças que mesmo elas sendo pequenas são capazes de desenvolver seus próprios filmes. Dessa forma surge a primeira ação deste projeto de extensão.

CINEMA SOLIDÁRIO, pretende fazer um estudo destas demandas que chegam até o curso de Cinema e audiovisual, analisá-las internamente e trabalhar em conjunto com a entidade selecionada, propondo formas de construção dessas narrativas. Esta abordagem vai de encontro à formulação “Eu falo - ou nós falamos - de nós para você” (NICHOLS, 2017, p.45) deslocando o realizador da posição de distanciamento com aqueles a quem representa para uma posição de união com os últimos. O principal objetivo deste projeto de extensão é desenvolver, junto a entidades e comunidades que realizam programas sociais, um olhar crítico sobre obras audiovisuais, através do visionamento e discussão de filmes documentários selecionados desenvolvendo nos participantes destas comunidades a capacidade de apreciação de uma obra cinematográfica documentária, através da leitura destas obras, visionando-as e debatendo-as, observando suas formas de criar os discursos audiovisuais.

É preciso então possibilitar a utilização de ferramentas audiovisuais de maneira criativa e crítica da criação audiovisual partindo de temas apresentados e discutidos nos filmes, ampliando essas discussões no dia a dia da comunidade e utilizando estes temas para propor exercícios de criação audiovisual.

Metodologia

Para o desenvolvimento das atividades, serão tomadas como referência as Notas sobre a *mise en scène* documentária, propostas por Jean-Louis Comolli em seu livro Ver e Poder (2008, p.52). Alguns dos passos ali apontados serão seguidos com a intenção de ser o mínimo didáticos possíveis, e deixar as pessoas apontarem para a direção que creem ser mais interessante sobre si mesmas e sobre as questões do grupo. Ao final, “não se trata mais de “guiar”, mas de seguir” (COMOLLI, 2008, p. 54).

O projeto prevê inicialmente encontros presenciais de 2 horas diárias por semana, nesta primeira edição com as crianças do CRAS norte de Foz do Iguaçu. Os encontros já acontecem no CRAS e no prédio Jardim Universitário da UNILA, esses encontros estarão divididos em aulas expositivas, analíticas (visionamento de pequenos filmes e curtas selecionados para aquele determinado público, seguido de debates), e práticas de fotografia,

som, direção de arte, edição e produção com o intuito de instrumentalizar o participante a ter algum domínio sobre os equipamentos e poder eleger sua função nos exercícios propostos e na forma que o projeto audiovisual deve tomar. Para o bom desenvolvimento do projeto também será trabalhada a capacidade delas mesmas de produzirem suas próprias *mise en scènes*, como Comolli bem aponta:

“Hoje, o problema do documentário não é colocar em cena aqueles que filmamos, mas deixar aparecer *mise en scène* deles. A *mise en scène* é um fato compartilhado, uma relação. Algo que se faz junto, e não apenas por um, o cineasta, contra os outros os personagens. Aquele que filma tem como tarefa acolher as *mise en scènes* que aqueles que estão sendo filmados regulam, mais ou menos conscientes disso, e às dramaturgias necessárias àquilo que dizem – que eles são, afinal de contas, capazes de dar e desejosos de fazer sentir”. (COMOLLI, 2008, p. 60)

Desenvolvimento e processos avaliativos

As ações até o momento foram desenvolvidas no CRAS Norte e observou-se o interesse dos participantes durante a realização das oficinas. Apesar do interesse, um problema enfrentado é a rotatividade de participantes, devido às dificuldades que vivenciam os mesmos em seu entorno social. Na primeira oficina os participantes foram colocados em contato com os equipamentos de filmagem e gravação de áudio, os próprios operaram estes equipamentos e filmaram uns aos outros fazendo entrevistas ou jogos como “pedra, papel e tesoura”. Essa atividade foi importante pois fez com que as crianças comesçassem a compreender como funciona uma produção audiovisual, e a desenvolver uma familiaridade com o funcionamento dos equipamentos.

Já na segunda oficina com apenas dois participantes do encontro anterior e outros novos foi apresentada uma breve explicação sobre o funcionamento de uma Câmera Escura e a relação que esta possui com o surgimento da fotografia, e em seguida os participantes aprenderam a construir o instrumento. Por fim as crianças realizaram a atividade lúdica de observação do ambiente com a câmera que eles próprios produziram. Esta atividade foi muito enriquecedora pois foi capaz de ilustrar de maneira prática o funcionamento de uma câmera.

As duas atividades agregaram muito aos estudantes extensionistas pois permitiram que estes enxergassem o audiovisual a partir da perspectiva das crianças. Além de possibilitar uma aproximação com a comunidade de Foz do Iguaçu, já que os estudantes vêm de países diferentes e de outros estados do Brasil. O desenvolvimento de uma metodologia de trabalho e ensino com as crianças também foi importante pois envolveu toda uma forma de condução das atividades voltada para este público, que não é comum dentro do ambiente acadêmico.

Considerações Finais

O projeto encontra algumas dificuldades para seu desenvolvimento, a questão da rotatividade dos participantes da primeira ação é uma delas. Além disso, apesar do esforço da equipe para que as atividades sejam o mais dinâmicas e menos teóricas possíveis o audiovisual se vale de algumas questões bastante técnicas para sua realização, sendo assim, estão sendo trabalhadas o aprofundamento de estratégias que permitam atingir esse objetivo para este tipo de público.

A definição de uma temática é outra tarefa complicada, pois as crianças não possuem uma questão central a ser trabalhada, ou a intenção de documentar algo específico. Além disso, algumas delas não estão abertas a abordarem temas referentes à sua vida pessoal, como o relacionamento familiar, escolar ou comunitário por ainda não ter sido estabelecido um vínculo com os extensionistas da ação.

Dessa forma, observa-se o potencial do projeto ao mesmo tempo que também são reconhecidas suas fragilidades. Acredita-se que a realização do mesmo com um público alvo mais velho traga mais resultados, por permitir uma abordagem, ainda que dinâmica, mais teórica. Porém o desafio de trabalhar com comunidades diversas permite ter uma base de como interagir com mais precisão na hora do ensino da teoria e da prática audiovisual.

Referências

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Trad. Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira, Ruben Caixeta. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**, São Paulo: Papyrus Editora, 2007.